



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Dossiê: Potencialidades da mídia não hegemônica nas dinâmicas urbanas

V 11 | n 20 | jan-jun 2022

Rádio Campeche e a participação popular no Plano Diretor de Florianópolis na perspectiva do jornalismo libertador

Elaine Tavares



Edição eletrônica

URL: [NAUI – Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://nauu.ufsc.br)

ISSN: 2558 - 2448

Organização

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

Referência Bibliográfica

TAVARES, Eliane. Rádio Campeche e a participação popular no Plano Diretor de Florianópolis na perspectiva do jornalismo libertador. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 68-80, jan-jun 2022. Semestral.

© NAUI

Rádio Campeche e a participação popular no Plano Diretor de Florianópolis na perspectiva do jornalismo libertador

Elaine Tavares¹

Resumo

O artigo discute o papel da Rádio Campeche na participação popular no Plano Diretor de Florianópolis e os caminhos para o jornalismo libertador, superando a posição de mera resistência delimitada pela democratização da comunicação e avançando na constituição de outra práxis.

Palavras-chave: jornalismo libertador; Rádio Campeche, plano diretor.

Abstract

The article discusses the role of Campeche Radio in popular participation in the Florianópolis Urban Master Plan and the paths for liberating journalism, overcoming the position of mere resistance delimited by the democratization of communication and advancing to the constitution of another praxis.

Keywords: liberating journalism; Campeche Radio, city master plan.

¹ Jornalista, doutora em Serviço Social (UFSC, 2019) e mestre em Comunicação Social (PUC/RS, 2001). Atua como jornalista e pesquisadora no Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA/UFSC). Alimenta o blog *Palavras Insurgentes* e escreveu, entre outros, os livros “Jornalismo nas margens – uma reflexão sobre comunicação em comunidades empobrecidas” (2004) e “Em busca da utopia – os caminhos da reportagem no Brasil dos anos 50 aos anos 90” (2008). E-mail: eteia8@gmail.com.

O trabalho de um comunicador ou de um jornalista é noticiar. Falar de tal forma que toda a gente entenda, saindo do particularismo de um fato qualquer e garantindo àquele que lê, escuta ou vê a condição de compreender a universalidade do fato, como bem ensinou Adelmo Genro Filho, o teórico gaúcho que ilumina as reflexões neste artigo. Narrar de tal forma que a pessoa compreenda a atmosfera na qual se deu o fato. As causas, as consequências, as forças envolvidas, os detalhes, o pano de fundo. Como se a notícia fosse uma espécie de análise de conjuntura em miniatura. A trincheira é a palavra criadora. Não adianta fazer comunicação/jornalismo usando as mesmas fórmulas alienantes que tanto criticamos, porque a crítica não é apenas pela posição política da mídia hegemônica diante dos fatos². A própria forma de narrar é um elemento importante da política no sentido de garantir a possibilidade de compreensão de um processo por inteiro. E não se trata aqui da fórmula liberal alardeada pela ideia de “mostrar os dois lados”. Nenhum fato tem dois lados. Existem muitos lados e há que narrá-los, percorrendo os fios da realidade e constituindo a comunicação libertadora, perspectiva que será desenvolvida como espaço que se abre à participação popular para a transformação social.

A mídia hegemônica não mostra nem mostrará a cidade real, essa cidade dos desvalidos, dos condenados, dos sem casa, dos sem esgoto, dos sem lazer. Não tem interesse nisso, porque, ao apresentar a realidade, expõe as contradições do sistema. Assim, quando a cidade aparece na mídia hegemônica, é sempre de maneira ritual e fragmentada. Notícias sobre buracos de rua, sobre problemas estruturais são dadas como se fossem pequenos furúnculos num corpo sadio. Os repórteres fazem a denúncia e depois mostram o poder público dizendo que vai consertar o defeito, dando o problema como resolvido.

Já com relação aos que enfrentam o sistema, a mídia hegemônica aprofunda a pedagogia do medo. Tudo é feito para amedrontar as pessoas e para criar os estereótipos do que vem a ser o inimigo da “ordem” e do “progresso”. Noticiários policiais, que são vistos em todos os estados do País, são usinas do medo. Mortes, assassinatos, crimes horríveis sendo praticadas por quem? Por pessoas pobres, pretas, desempregadas,

² A designação de mídia hegemônica, tradicional, convencional ou comercial faz referência aos grupos e empresas controladores do setor, no Brasil e no exterior.

moradoras de favelas e comunidades empobrecidas. Raramente aparece um crime de gente rica, branca, bem alimentada. Quando aparece, soa como algo quase inusitado. Logo, para a maioria alfabetizada pelo medo, o pobre, o trabalhador, o que luta, “é tudo bandido”, sendo completamente diferente o tratamento dado aos crimes de colarinho branco.

A mídia hegemônica mostra quando as populações se levantam em luta. Mas essas lutas igualmente aparecem como uma parte doente de um corpo saudável, reforçando o preconceito instalado pela pedagogia do medo. São pessoas que “incomodam”. E sobre elas já estão manufaturados os conceitos necessários para fazer com que a sociedade encare esses movimentos como coisas ruins. São os “baderneiros”, os “contra tudo”, os “ecochatos”, os “vagabundos” que querem mordomia sem trabalhar, que querem casa sem pagar por ela. Ou seja, tudo de ruim. Gente ruim. Isso não é por acaso. É preciso fortalecer essa ideia para que a sociedade os veja como seus inimigos também. Então, a pedagogia do medo já fez o seu trabalho e o jornalismo que pratica não permite a reflexão crítica.

A mídia hegemônica mostra como inimigos de todos aqueles que são apenas os inimigos do capital, da classe dominante, ou seja, da pequena parcela da humanidade que domina o mundo e que produz tanta dor, destruição e desgraça. É importante frisar que o ódio de classe é bom e necessário. Só que o capital faz com que o ódio fique entre a classe trabalhadora, sem envolver a classe dominante. Odeia-se o índio e não o sistema que rouba suas terras (os ricos, os latifundiários, os grileiros). Odeia-se o negro e não o sistema escravocrata que o aprisionou, odeia-se o pobre e não o sistema que o produz. Odeia-se o gay, o trans, o anarquista, o sem-teto, o sem-terra, o comunista, porque eles desestabilizam a “paz”. Uma paz que não existe, mas que as pessoas acreditam que exista, porque bombardeadas com toda a maquinaria ideológica do capital que também se reproduz na família, na escola, na igreja e na mídia. O jornalismo praticado na mídia hegemônica reforça isso.

O dramático desse processo é que ao fim e ao cabo a luta dos empobrecidos pelo direito à cidade sempre se volta contra eles. Quando ocupam um vazio urbano, por exemplo, na batalha por moradia, estão abrindo caminhos para que se expresse a renda da terra, já muito bem explicada por Marx. As famílias ocupam, sofrem a ação da polícia

e, quando finalmente conquistam a terra e a estrutura necessária para viverem, acabam por valorizar os espaços. E os endinheirados olham para o que era um vazio sem estrutura e querem tomá-lo para si. Porque já está ocupado, já conquistou a estrutura, se valorizou. Então, os empobrecidos voltam a sofrer a pressão do capital querendo tomar suas terras. Vivemos isso todos os dias na nossa cidade, nas praias e nos morros. Então, se há uma ocupação na luta por moradia, na ótica do jornalismo libertador, que adotamos, há que contextualizar de tal maneira que quem está na ocupação entenda sua posição dentro da realidade, e quem está de fora perceba que a responsabilidade daquela situação não é só do prefeito de plantão, mas de um sistema que se organiza para que a realidade seja assim, um sistema global do qual o prefeito é só um braço.

Partilho da ideia de que ainda é muito preciosa a formação cara a cara, a comunicação interpessoal, e ainda aposto nos meios impressos. As pessoas querem saber das coisas, elas têm fome de informação, porque hoje a informação é uma necessidade social. Mas elas também estão mergulhadas num redemoinho de palavras que lhes chegam nos telefones celulares e computadores, fragmentadas e sem amarração totalizante. Então temos dois caminhos:

- 1) Tentar responder à enxurrada de ideologia, mentiras e omissões que são divulgadas pela mídia hegemônica e pelas redes sociais, algo que não conseguimos, porque não temos o controle dos grandes meios.
- 2) Enfrentar com criatividade, fugindo do modelo hegemônico e dando vida ao jornalismo libertador na senda aberta pela teoria marxista do jornalismo de Adelmo Genro Filho.

A loucura do roubo do tempo nos é imposta pelo capital. O sistema quer nos ver enredados nessas ditas novidades informativas que desinformam e roubam o tempo para que não pensemos. E entramos na lógica da competição com o tempo do capital. Isso constitui um esforço inútil e ineficaz. A melhor saída é seguir trabalhando com nossos veículos alternativos/populares/comunitários na resistência, mas dispostos a dar o salto

maior, de transformação da sociedade³. É nesse sentido que abordo aqui a experiência da Rádio Comunitária Campeche, que, em sua prática cotidiana, faz valer essa perspectiva, buscando fomentar a consciência crítica.

Nas entranhas da luta de um bairro

A Rádio Comunitária Campeche, no distrito de mesmo nome localizado no Sul da Ilha de Santa Catarina, não é uma rádio qualquer, nascida para ser mais um empreendimento comunicacional. Ela é fruto de sangue, suor e trabalho de uma comunidade viva. Quando, nos anos 1980, a luta pelo Plano Diretor começava em Florianópolis, reunindo centenas de pessoas na construção de uma proposta de vida para o bairro, os moradores já pensavam uma forma eficaz de se comunicar. Ao longo dos anos, acabaram criando um jornal, o *Fala Campeche*, que cumpriu de maneira muito positiva as demandas da comunicação. Produzido de forma coletiva e colaborativa, o jornal circulava de casa em casa, nas padarias, nas vendas, e foi alavancando o debate que acontecia nas reuniões comunitárias. O Campeche foi pioneiro nesse processo de plano diretor.

Quando os anos 1990 apontaram no horizonte, o bairro já disputava as propostas vindas da Prefeitura. Mas nada acontecia no âmbito do poder público. Foi no decorrer dessa década que os diversos grupos de luta no Campeche decidiram que era preciso avançar na comunicação. Aí nasceu a ideia de uma rádio comunitária. E, do esforço de um pequeno grupo de voluntários, tendo à frente o jornalista Lucio Haeser, ela foi tomando corpo até que se fez.

O importante nesse processo foi que ela nasceu das entranhas da luta. Uma necessidade comunitária diante do domínio completo dos meios de comunicação por parte de uma única empresa, à época a RBS, grupo gaúcho de comunicação que surgiu em Santa Catarina em 1986 e que, depois de monopolizar todas as rádios, mídia impressa e televisiva, vendeu suas operações em 2016. Sem espaço para ali dizer sua palavra ou contar da profunda organização que vibrava no interior do bairro, ter uma rádio que

³ No livro *Jornalismo nas Margens – uma reflexão sobre comunicação em comunidades empobrecidas* (TAVARES, 2004), a partir de vários autores, discuto os conceitos de comunicação popular, comunitária e alternativa.

puddesse chegar à casa de todos os moradores era fundamental. Assim, a primeira transmissão, em 7 de novembro de 1998, com a emissora já totalmente regularizada, foi um marco na vida do Campeche. Nascia a rádio, espaço e voz das gentes em luta.

Assim, com algumas horas de programação, contendo músicas e notícias, a rádio foi caminhando, criando vias pelo ar, chegando a todo o bairro. Foi uma revolução. No ano de 2004, a Rádio Campeche já conseguia estar no ar 24 horas sem interrupção. Tinha então uma nova sede, construída pelas mãos dos associados, no terreno do Sinergia, o Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis e Região, cedido em comodato.

Em 2006, a rádio teve seu primeiro programa de notícias ao vivo, o “Campo de Peixe”, que segue firme até hoje, repercutindo a vida da cidade e do País. Depois, outros programadores foram chegando e novos programas passaram a compor a grade. E, na primeira década dos anos 2000, a rádio cumpriu importante papel aglutinador da comunidade em mais uma etapa da luta pelo Plano Diretor, então chamado de participativo pelo poder público. Era pelo microfone da rádio comunitária que todas as vozes do bairro e da luta por uma cidade melhor se expressavam.

Foi na comunitária que a comunidade viva do Campeche discutiu e defendeu um dos mais simbólicos patrimônios imateriais do bairro, o Bar do Chico. Pelos microfones da rádio, muitas vezes a comunidade foi chamada para impedir a derrubada do bar, e naquelas horas os moradores sempre atendiam ao pedido de ajuda. A importância da rádio foi tanta que ela até virou personagem do documentário do realizador canadense Todd Southgate, intitulado “Desculpe pelo transtorno”, que conta a história da luta pelo bar do Chico.

Em 2014, o Plano Diretor foi aprovado no apagar das luzes, no final do ano, de forma totalmente ilegal. A rádio seguiu denunciando e abrindo espaço para as vozes populares. Novas lutas foram travadas em 2015, sempre com os microfones da rádio abertos para o debate dos temas de interesse da cidade: o Plano Diretor, a luta pela preservação da Ponta do Coral, pelo parque do Pântano do Sul, as lutas sindicais, a arte, a cultura.

No final de 2019, o novo estúdio finalmente ficou pronto e a rádio seguiu cumprindo com seu papel estratégico de ser um espaço comunitário real para a vida que se expressa e luta nesse mítico bairro do sul de Florianópolis. Hoje – e sempre – tocada

por um grupo cheio de vontade de realizar e construir, ela continua centrada na necessidade concreta do movimento popular comunitário e se mantém como a antena do Campeche, informando sobre tudo o que acontece no bairro, discutindo as lutas cotidianas por um lugar melhor para se viver, dando notícias sobre as batalhas que se travam na cidade no campo dos trabalhadores e das lutas populares.

Cada dia que passa, a rádio vai se fortalecendo, apresentando programas que fogem do lugar comum das rádios comerciais. No dial da Comunitária, hoje 98.3 FM – com transmissão também por aplicativo de celular e pelo site <http://radiocampeche.com.br> – podem ser escutadas as vozes dos pescadores, das rendeiras, dos ambulantes da praia, dos moradores, dos comerciantes, dos contadores de história, das figuras históricas do bairro, os cineastas locais, os cantores, os artesãos, os sindicalistas, os professores, os compositores, os trabalhadores de vários fazeres, enfim, qualquer um que tenha algo a dizer, sempre a partir de uma abordagem crítica. Além dos programas que apresentam a melhor música local, nacional e do mundo (fora do circuito comercial), há os programas de interesse comunitário. A vaga de emprego, os horários dos médicos e dentistas no posto de saúde, as reuniões do Plano Diretor. Então, ao ligar na frequência 98.3 FM, os moradores encontram a boa música do interior, encontram poesia, cultura, jornalismo, análise, rock, hip hop, dicas de saúde, sabem das propostas alternativas no campo da ecologia e do cuidado com a terra. É um mosaico de temas e sons, comunitário e popular, tudo pensado e feito com o amor de quem mora e vive no Campeche.

O grupo que toca a rádio, bem como seus programadores, sabe que sozinho não muda o mundo, mas toda a gente envolvida está disposta a ser parte do processo de transformação geral, pactuando com a visão anticapitalista, anticolonialista e de pensamento crítico.

Pensando o jornalismo

A perspectiva que move a experiência narrada é a teoria marxista do jornalismo proposta por Genro Filho (1987), que parte das categorias filosóficas do singular, particular e universal para mostrar que existe uma relação dialética entre as três categorias. Cada um dos conceitos expressa as diferentes dimensões que compõem a

realidade e, ao mesmo tempo, compreende em si as demais. Nos fatos jornalísticos, como em qualquer outro fenômeno, afirma o autor, coexistem essas três dimensões da realidade articuladas no contexto de uma determinada lógica. A ideia é que não há e nem pode haver universalidade se não houver, primeiro, singularidade. O conceito de universalidade, tão falado, discutido e controvertido, na verdade não pode ser totalizante. Ele só se concretiza a partir do singular. “É na face aguda do singular e nas feições pálidas do particular que o universal se mostra como alusões e imagens que se dissolvem antes de se formarem” (GENRO FILHO, 1987, p. 140). Ele, assim, propõe um jornalismo que parta do singular e é neste atalho que buscamos caminhar, transitando para o particular e o universal, abarcando o contexto do fato.

Além de Adelmo Genro Filho, outro teórico que deve ter a atenção de jornalistas e comunicadores sociais é Ludovico Silva (1977), um venezuelano que compreendeu muito bem como a televisão – e os meios em geral – agem na cabeça das pessoas. Ele percebeu que os meios são responsáveis por produzir o que ele chama de mais-valia ideológica. Se o trabalho mal remunerado e a superexploração tira de nós o que Marx chamou de mais-valia (que seria, ao fim, o lucro do patrão em cima do nosso esforço, o nosso trabalho excedente não remunerado), os meios de comunicação de massa, em especial a televisão, tiram a mais-valia ideológica. Assim, Ludovico Silva ultrapassa o conceito de indústria cultural, trazido pela Escola de Frankfurt, e avança para o que define como indústria ideológica. Ele mostra que a pessoa que está em casa, sentada diante da televisão, supostamente fora do mundo do trabalho, descansando, na verdade segue enredada no mesmo processo de produção que já lhe extrai mais-valia. Diante da TV, bombardeada por anúncios de produtos, por programas que ditam moda e comportamento, a pessoa está colocada diante de uma consciência ideológica, portanto falsa, completamente ligada aos interesses do capital, permanecendo assim, de certa forma, escrava ideológica da burguesia e do capital. Logo, a indústria do grande capital não produz cultura, e sim ideologia. E a televisão explora o homem como ser humano mesmo, e não como um produtor de força de trabalho.

A leitura de Ludovico Silva é fundamental para consolidar o entendimento da realidade daquilo que é produzido pela indústria ideológica, na qual os meios de comunicação hegemônicos ocupam papel importante. Compreendendo como essa

indústria atua, nosso trabalho é desconstruir esse “monstro” para que os trabalhadores, os oprimidos, possam também entendê-lo e, desde aí, se colocar diante do que Marx chamou de consciência de classe. Ou seja, compreender o seu lugar no mundo do capital para mudá-lo. Marx definiu muito bem o que é ideologia. Ela é o falseamento da realidade, ela esconde o real. Cabe a nós essa dura tarefa de tirar o véu, desvelar, revelar. Mas só poderemos fazer isso se também compreendermos todo esse processo. A partir daí, cada ação nossa será feita com intenção, no plano da consciência crítica, e não no âmbito da consciência ingênua, que é aquela que move as pessoas na abstrata intenção de “fazer o bem”, “ajudar os pobres”, “dar voz aos sem voz”. Cada ação nossa será para desvelar a realidade e anunciar o mundo novo, atuando na lógica da pedagogia da beleza, mostrando que um mundo em equilíbrio com a natureza, com as riquezas repartidas, trabalho coletivo e fim da exploração é possível de existir e que cabe a todos nós construí-lo.

Partilho, nesse sentido, da concepção filosófica de Enrique Dussel, criador da Filosofia da Libertação, que inspirou minha proposta de jornalismo libertador, conceito explicitado no já citado livro *Jornalismo nas Margens – uma reflexão sobre comunicação em comunidades empobrecidas* (TAVARES, 2004), pelo qual o foco do jornalismo volta-se para a comunidade das vítimas do sistema. A narrativa cristaliza-se no singular, evocando o universal, mas priorizando dar visibilidade à vida do oprimido, na concepção de Dussel, saindo assim de uma forma de praticar jornalismo que se alimenta apenas ou prioritariamente de fontes oficiais. Nesse sentido, é fundamental que se entenda que o jornalismo é serviço público. Assim, é bom que seja dito que só podem existir dois tipos de jornalismo. O que serve a uma minoria dominante (moral de dominação) e o que serve aos oprimidos (ética da libertação). Quando falamos em servir à maioria, estamos falando em conspiração (respirar juntos) com as comunidades oprimidas e dominadas.

Esse é o pressuposto do jornalismo libertador que se pratica em comunidades empobrecidas, aquele que cons-pira, que caminha junto, que se torna instrumento de transcendência, que dá visibilidade ao oprimido, não como marginal (bandido), mas como o pobre, real e capaz de superar a sua condição. Na verdade, jornalismo é sempre jornalismo. O que muda é o local em que o fazemos e os meios com que o praticamos. O jornalismo libertador não é uma proposta para se colocar em prática unicamente nos veículos alternativos/populares/comunitários. Ele pode se fazer também nos grandes

meios. O que está em jogo não é o local onde o praticamos, mas a forma de olhar o mundo (TAVARES, 2004, p. 24).

Assim, nossa luta não deve se reduzir a apenas democratizar que aí está, na lógica de lutar por mais espaços estreitos na mídia hegemônica, e sim avançar na ideia da soberania comunicacional, dentro de um estado também soberano e destituído das amarras do capital. A comunicação alternativa/popular/comunitária precisa superar a posição de resistência que ocupa na sociedade capitalista, sempre minoritária. Há que avançar para o novo, ser capaz de pavimentar outra práxis que caminhe para uma transformação geral da sociedade, na qual os meios serão dos trabalhadores. Vejamos: qual é o alcance dos nossos veículos populares na relação com a mídia hegemônica, a qual, em 30 segundos no jornal das 19 horas, na emissora de tevê local, consegue fazer a cabeça de milhões de pessoas em um mesmo instante. É um número que não atingimos com nossos espaços de comunicação e jornalismo. E ainda que fiquemos por dias e meses falando sobre um tema em nossos veículos, o nosso discurso é quebrado pelos meios massivos nos mesmos 30 segundos.

A mídia hegemônica, assim como as instituições de justiça, é um instrumento da classe dominante e se ampara em duas pedagogias fundamentais: a Pedagogia da Sedução e a Pedagogia do Medo. Uma olhada no seu conteúdo e pode-se perceber que ora estão voltados para seduzir, ora para amedrontar. Na sedução: o capitalismo é bom, compre isso, compre aquilo, seja bonito vestindo tal roupa, seja feliz comendo tal margarina, veja como os empresários da novela são bonzinhos. O sistema capitalista, para se consolidar e seguir poderoso, precisa desse braço armado, sedutor, por onde divulga suas ideias, expressa a cultura do sistema, trabalha a pedagogia da sedução e define os inimigos que precisam ser combatidos. Ele pode fazer uma ou outra concessão para se dizer democrático, mas, na essência, continuará mentindo e seduzindo.

Por isso, o trabalho que fazemos precisa dar um salto de qualidade, com uma proposta radical e diferente da que vemos na mídia hegemônica. Outra lógica, outra episteme. Pavimento para outro mundo, outra sociedade. Nossa luta, como comunicadores e jornalistas, só tem sentido se visarmos à queda dos oligopólios de mídia, caminhando para a conquista desses meios massivos, em uma luta mais articulada e mais arriscada. Porque, às vezes, é cômodo permanecer na periferia do problema, fazendo

jornal, rádio ou vídeo, mas não é suficiente. A meta é garantir uma comunicação dos trabalhadores, da maioria oprimida.

Não se trata de defender a comunicação como estandarte da revolução, e sim pensar a comunicação alternativa/popular/comunitária a partir de concepções ousadas no enfrentamento das lutas gerais, indo além do trabalho de resistência, agindo no coletivo e envolvendo também sindicatos e movimentos sociais para começar a dialogar de verdade com a população, com o compromisso político com as lutas gerais, com a proposta de mudança, com a revolução. Pois, afinal, só uma viragem total muda esse mundo.

Considerações finais

Como apontamos ao longo do texto, estamos seguros de que a comunicação alternativa/popular/comunitária sozinha não faz a revolução e não é o motor da mudança. Ela é parte de um projeto maior. Hoje, é apenas resistência. Mas já passamos do tempo da resistência. É preciso avançar e construir o processo da revolução brasileira. Garantir o País para os trabalhadores, os empobrecidos, os oprimidos. Garantir uma cidade para quem a constrói cotidianamente. Para isso o caminho das nossas mídias é ir além da resistência, formando profissionais e leitores/espectadores e ouvintes críticos, em parceria com partidos políticos que estejam igualmente forjando o novo, com sindicatos que formam seus trabalhadores para a transformação, com movimentos sociais que saiam de seus particularismos. Da mesma forma, os comunicadores alternativos/populares/comunitários precisam estudar, forjar vanguardas políticas e intelectuais que façam seu trabalho de pensar em profundidade, totalizar os desejos e concretizar em propostas as demandas populares. O trabalho tem de ser conjunto, constituído coletivamente com as forças de luta. Só assim deixaremos de ser apenas a insustentável resistência e passaremos a forjar a sociedade nova, fora do capitalismo.

Finalmente, deixo como uma questão para se pensar coletivamente a seguinte afirmação: não é possível democratizar a comunicação no capitalismo. Isso nunca vai acontecer. Há que destruir o capitalismo como modo de produção, como maneira de viver.

Um novo modo de produção, uma nova cosmovivência apontará também uma nova comunicação, na qual os meios de informação de massa estejam nas mãos dos trabalhadores, da maioria da população. Assim, avançaremos. Essa é, portanto, nossa hora histórica. Que saibamos dar o passo rumo a uma comunicação soberana, dos trabalhadores.

Referências

DESCULPE o Transtorno: O Bar do Chico. Direção de Todd Southgate. Florianópolis, 2012. (80 min e 35 s). Disponível em: <https://vimeo.com/34535528>. Acesso em: 24 ago. 2021.

DUSSEL, E. D. **Filosofia na América Latina**: filosofia da libertação. São Paulo: Loyola, 1977.

DUSSEL, E. D. **Filosofia da libertação**: crítica à ideologia da exclusão. São Paulo: Paulus, 2005.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo, Porto Alegre: Tchê, 1987.

SILVA, Ludovico. **La plus valia ideológica**. Universidad Central da Venezuela: Caracas, 1977.

TAVARES, Elaine. **Jornalismo nas margens**: uma reflexão sobre a comunicação em comunidades empobrecidas. Florianópolis: Companhia dos Loucos, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/134561/merged.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Recebido em 16 de agosto de 2021 | Aceito em 23 de agosto de 2021



Esta obra está licenciada
conforme Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional